

A ESPERANÇA.

JORNAL DE INSTRUÇÃO E RECREIO.

Redactores diversos.

ANNO I

DESTERRO, 8 DE DEZEMBRO DE 1867.

N. 11.

A ESPERANÇA.

A divisão dos jovens, que se concordarão todos nessa idéa util do progresso, para caminharem juntos, e de uma só vontade desempenharem a sua missão, quem nos negará o grande mal que ella contém nas suas entranhas, e talvez o principio de se acabar no coração d'aquelles que ficaram todo pensamento louvavel, porque se ainda hontem reunidos, nós encontravamos mil difficuldades, quantas não se nos antolharão agora, divididos e separados de alguns dos socios fundadores d'este jornal?!...

Cómtudo, nos resignamos, e confiados nas poucas forças, de que podemos dispôr, declaramos mesmo que a nossa ESPERANÇA não acabará, e temos quasi certeza do que avançamos.

Sentimos, sim, a falta d'esses jovens que se propozirão trabalhar connosco, e no principio ainda da nossa carreira, quando os trabalhos juntos se tornavam mais necessarios, é que se retiram, e esquecidos do nobre propósito, nos abandonam na estrada difficil da litteratura.

A missão que temos á cumprir é hoje maior, e mais embaraçado se nos apparece o caminho do nosso dever; o numero dos trabalhadores está reduzido, porém do pouco nasce o muito como já dissémos, e duplicando o trabalho, que é o que cumpre agora, nós chegaremos á descansar com mais direito, porque a nossa lucta foi gigantesca.

Oh! que a idéa louvavel não se sepulte, é o nosso desejo, é o desejo sublime desta mocidade!...

Ao futuro!... eia... caminhemos... é o que vos brada o mais humilde dos vossos collegas; ao futuro! foi, sem duvida, a nota que echoou aos ouvidos do poeta e do philosopho, que nós admiramos, e lhe curvamos a fronte pensativa; ao futuro! foi o hymno que acompanhou os nossos maiores para o termo da sua perfeição: não desanimemos, enquanto pudermos trabalhar, e embora divididos o nosso pouco fôr bem acolhido pelos benevolos

assignantes deste jornal, iremos caminho do progresso, e satisfeitos, e cheios de jubilo, porque acreditamos de utilidade o procedimento que abraçamos.

Caminhemos, é a voz do infinito que se faz ouvir, e nos convida á todos para o trabalho; é o grito que a mocidade deve sempre soltar para o progresso; é a lei do espirito do homem; a comprehensão do dever; o canto mais sublime.

Sim, caminhemos... ao futuro! e se não podemos um só instante nos esquecer dos dignos companheiros que nos deixarão, cabê-nos, finalizando o presente escripto, lhes agradecer a coadjuvação que sempre nos dêrão, e protestar-lhes o nosso pezar por tão imprevisto successo.

A gratidão não é aqui uma arma que procuramos para vingança nossa do procedimento dos nossos amigos, se a manifestamos, é que conhecemos dever assim proceder: aceitem-na, pois que não costumamos dizer o contrario d'aquillo que sentimos.



Discurso da Abertura,

PROFERIDO POR VICTOR HUGO, NO CONGRESSO DA PAZ EM PARIZ, Á 21 DE AGOSTO DE 1849.

Senhores.

Muitos d'entre vós vem dos pontos os mais remótos do globo, com o coração cheio de um pensamento religioso e santo. Tendes em vossas fileiras publicistas, philosophos, ministros dos cultos christãos, escriptôres iminentes, alguns destes homens consideraveis, destes homens publicos e populares, que são as luzes de sua nação. Tendes querido datar de Pariz as declarações desta reunião de espirito convencidos e graves, que não querem sómente o bem de um povo, mas que querem o bem de todos os povos. Vindes ajuntar aos principios que dirigem hoje os estadistas, os governadôres, os legisladôres, um principio superior: Vindes visar de alguma maneira a ultima e a mais augusta folha do Evangelho, a

que impõe a paz aos filhos do mesmo Deus; e nesta cidade que só decretou a fraternidade dos cidadãos, vindes decretar a fraternidade dos homens.

Sêde bemvindos!

A' vista de um tal pensamento e de um tal acto, não pôde haver lugar para um agradecimento pessoal. Permitti-me, pois, nas primeiras palavras que pronuncie perante vós, elevar minhas vistas acima de mim mesmo, e esquecer, de alguma maneira, a grande honra que acabais de conferir-me, para só cuidar da grande obra que quereis fazer.

Senhores, este pensamento religioso, a paz universal, todas as nações ligadas entre si por um laço commum, tendo por lei suprêma o Evangelho e a mediação substituindo a guerra, este pensamento religioso, digo, será por ventura um pensamento pratico? esta idéa santa será realisavel?

Muitos espiritos positivos, como se diz hoje, muitos politicos envelhecidos no manêjo dos negocios, respondem: Não. Eu respondo com vosco, respondo sem hesitar, e digo: Sim! e vou tentar provar agora mesmo.

(*Continua*)



o Pai cruel.

João BOCCACIO.

(*Continuação do n. 10.*)

Depois d'estas palavras, beijou de novo o coração do amante, e dando suspiros que admiravão e igualmente tocavão as damas de sua comitiva, que então se achavão em sua camara, e que não sabião que coração era esse que ella não cessava de contemplar: «Coração que me encheste de prazer, exclamou, eis-te finalmente livre das miserias e dos trabalhos da vida. Maldita seja para sempre a crueldade d'aquelle que foi causa de eu vêr-te com olhos do corpo, depois de ter-te visto e admirado tantas vezes com os do espirito! Teu destino está acabado, chegaste ao termo para onde todos corremos; teu proprio inimigo reconheceo que merecias um tumulo de ouro. Para acabar teus funeraes, não é preciso mais do que as lagrimas de uma amante, que te era tão cara. Tu as terás, estas lagrimas que desejas... Pai inflexivel!.... Eu tinha resolvido morrer com rosto calmo, e olhos enxutos; mas não posso resistir ás ternas emoções que me causa o mais bello de todos os corações. Sim, eu o banharei de lagrimas, este coração que um Deus propicio vos inspirou de enviar-me; coração que eras todos os meus prazeres, todas as minhas delicias, depois que estas justas lagrimas te rendêrem as homenagens que te devo, então

seguir-te-hei no outro mundo, e unirei minha alma á que te animava. (Que digo? a alma de meu amante está ainda nesta taça, n'este coração que idolatro, e esta alma me diz que espera a minha, para não mais separar-se d'ella... »

Os suspiros, os soluços, as lagrimas, que corrião dos olhos da princeza, e que cahião na taça, tolherão-lhe a falla. As damas que a cercavão estupefactas, e enternecidas, nada comprehendião d'esta lugubre scena. Perguntão-lhe a causa de sua afflicção, misturão suas lagrimas ás d'ella, e fazem todo o possibile por consolal-a. A princeza absorvida em sua dôr, ergue a fronte, enxuga as lagrimas, e parecendo cobrar animo: «O amado coração, exclama, tenho cumprido meu dever para comtigo, só me resta junctar minha alma á tua! »

Em seguida toma o vidro que continha o veneno, que ella havia preparado, deita-o na taça, e sorve-o até a ultima gotta, sem o menor receio. Incontinentemente atira-se no leito, sem abandonar a preciosa taça, que incliua e vira sobre seu coração para ali collar o de seu amante.

Ainda que as damas ignorassem qual fosse o licôr que ella havia bebido, forão contar ao principe o que se acabava de passar. Elle chegou, porem já tarde, no momento em que sua filha deitava-se no leito. Informado da desgraça que tinha causado, não podia vêr sua filha em um tão triste estado sem derramar lagrimas de ternura, e arrependimento.

« Não me deis, meu pai, lhe diz Sigismunda com voz quasi extincta, não me deis lagrimas, que de nada me servem, e que eu não desejo; porem se ainda vos resta um pouco da affeição que tantas vezes me tinheis testemunhado, não me recuseis esta ultima graça: enterrai-me publicamente com Guichard, pois que não quizestes que eu vivesse feliz com elle em particular, e secretamente. » O principe estava tão afflicto, que não pôde dizer uma palavra; retirou-se soluçando. Apenas elle sahio, a princeza sentindo que ia render o ultimo suspiro, e apertando sempre o coração do seu amante contra o seu, voltou-se para suas damas, e disse-lhes adeus. Instantes depois seus olhos se fecharão, e tendo de todo perdido o conhecimento, expirou.

Tal foi o fim desgraçado de Guichard, e da princeza Sigismunda. Nunca houve afflicção maior do que a do velho Tancredo. Elle se arrependeo, porem bem tarde, de sua barbáridade, e fez enterrar com grande pompa no mesmo tumulo os dous amantes, que forão chorados por todos os habitantes de Salerno.

Trad. de F. PAULINO.



Sempre firme até morrer!

à

P. D. O.

Apezar de minhas dôres,
Meu affecto lhe votei;
Sem temer os dissabores,
Nem do fado vãos rigores,
— Fido amante lhe serei !

(J. R. de CARVALHO.)

Ausente de ti não posso,
Nem um momento viver:
— Hei de amar-te, moreninha,
— Hei de amar-te até morrer !

Tens as graças, os primores,
Que só anjos pôdem ter:
É's formosa, encantadora !
— Hei de amar-te até morrer !

Minh'alma toda s'inunda,
Quando te vejo, em prazer...
— Só por ti desejo a vida...
— Hei de amar-te até morrer !

Teus fulgores dão-me vida,
Linitivo ao meu soffrer...
— Hei de amar-te, minh'Estrella,
— Hei de amar-te até morrer !

No meu peito só constancia,
Só constancia tem poder:
— Com firmeza e lealdade,
— Hei de amar-te até morrer !

Não me negues, oh ! anjinho,
Dos teus olhos um volver...
— Só por ti é que eu suspiro...
— Hei de amar-te até morrer !

Ah ! quizêra, oh ! meiga virgem,
Sempre, contigo viver:
— Acredita, sim, donzella,
— Hei de amar-te até morrer !

Por amar-te eu vivo, eu vivo,
De continuo á padecer...
Mas, embora, moreninha,
— Hei de amar-te até morrer !

A verdade do que digo,
Nos meus olhos pôdes ler:
— Oh ! Princeza dos meus sonhos,
— Hei de amar-te até morrer !

Quando, quando tu me julgas,
Infiel, perjuro ser,
Eu exclamo: — ingrata ! ingrata !
— Hei de amar-te até morrer !

A minha sinceridade,
Tu bem deves conhecer:
— Eu te juro, moreninha,
— Hei de amar-te até morrer !

E quando, a tiranna parca,
Dissipar o meu viver,
Eu direi na hora extrema:
— Adorei-te até morrer !

E então na sepultura,
Em que eu fôr descañar
Deveráõ, por epitáphio,
Estas palavras gravar:

— Aqui jaz o triste bardo,
Que viveo sempre á soffrer...
Que amou a — moreninha,
— SEMPRE FIRME ATÉ MORRER !

OL. E CRUZ.

29 de Novembro —67.

**Elementos de Versificação Portugueza**

POR

EDUARDO NUNES PIRES.

CAPITULO IV.

SECÇÃO I.

Estrophes de versos redondilhos.

(Continuação do n. 9.)

§ 7.º Quintilhas.

Das quintilhas ha tambem varias composições, a saber:

1.º — Rimando o verso 1.º com o 3.º e 5.º, e o 2.º com o 4.º

Exemplo.

Branco véo cobria o rosto
Da fermoza Dona Stella
De feições lindo composto;
De Sevilha era a mais bella,
Era um esméro de gosto.

(JOÃO D'ALBOIM.)

2.º — Rimando o 1.º com o 3.º e 4.º, e o 2.º com o 5.º

Exemplo.

Morre o nobre Conradino
O'o parceiro em tudo igual,
Cada um de tal morte indino,
Porque o duro, ou o malino
Doutor interpreta mal.

(SÁ DE MIRANDA.)

3.º — Rimando o 1.º com o 4.º, e o 2.º com o 3.º e 5.º

Exemplo.

Não me temo de Castella
D'onde inda guerra não sôa,
Mas temo-me de Lisbôa;
Que ao cheiro d'esta canella
O Reyno se despovôa.

(SÁ DE MIRANDA.)

Ainda se-pódem variar mais as quintilhas, quanto á disposição das suas rimas, deixando, por exemplo o 1.º verso solto, e rimando os outros quatro; ou rimando o 1.º com 4.º e 5.º; e o 2.º com o 3.º; ou ainda rimando o 1.º com 2.º e 5.º; e o 3.º com o 4.º

§ 8.º Sextilhas.

Incontram-se tambem de varias fórmãs, a saber:

1.ª—Com uma rima nos versos 1.º, 3.º e 5.º; e outra nos versos 2.º, 4.º e 6.º

Exemplo.

Amei-a como orgulhoso
Ama a pompa transitoria,
Cõmo o guerreiro afanoso
Ama o c'róa da victoria;
Como o heróe virtuoso
Ama a verdadeira gloria.

(GOMES DE SOUZA.)

2.ª— Com tres rimas, sendo uma nos versos 1.º e 4.º, outra nos versos 2.º e 5.º, e outra nos versos 3.º e 6.º

Exemplo.

Se estou contente, querida,
Com esta immensa ternura
De que me enche o teu amor?
—Não. Ai! não; falta-me a vida,
Succumbe-me a alma á ventura:
O excesso do goso é dôr.

(GARRETT.)

3.ª—Com tres rimas, sendo uma nos versos 1.º e 3.º; outra no 2.º e no 4.º; outra no 5.º e no 6.º

Exemplo.

Quem te deixou sobre a terra,
Triste craneo abandonado?
Nas cumiadas da serra
De teus ossos despegado?
Que serias tu na vida,
Oh caveira inegrecida?

(JOÃO D'ALBOIM.)

4.ª—Tambem com tres rimas, sendo uma nos versos 1.º e 2.º; outra no 3.º e no 6.º, e outra no 4.º e no 5.º

Exemplo.

Era de noite—dormias,
Do sonho nas melodias,
Ao fresco da viração;
Embalada na falúa,

Ao frio clarão da lua,
Aos ais do meu coração!

(ALVARES DE AZEVEDO.)

§ 9.º Oitavas.

A oitava compõe-se de duas quadras, sendo as rimas da segunda dispostas diversamente das da primeira.

Exemplo:

Quando os prantos traduzissem
Tudo quanto est'alma sen e;
¿ Onde achára os que exprimissem
Esta agonia pungente?
¿ Este gemido, este grito,
Que n'um suspiro rebenta,
Que me a vida desalenta,
Como o peso d'um delicto?

(ZALUAR.)

Ha tambem bons exemplos de oitavas, em que o 1.º verso rima com 2.º e 3.º, o 4.º com o 8.º, e o 5.º com 6.º e 7.º.

Exemplo:

Sei que teu genio delira,
Sei que pulsas triste lyra,
Sei que teu peito suspira.
Em funda meditação;
Eu diviso-te um receio,
Occultando o doce enleio,
Que te agita em terno seio
Uma doce sensação.

(JOÃO D'ALBOIM.)

(Continúa.)

CHARADA.

Provincia sou do Brasil. — 2
Denoto um affecto d'alma. — 1

CONCEITO.

Cohortes varias me pisão,
Mas do Brasil será a palma.

RAMOS JUNIOR.

S. Amôr ás Lettras.

Hoje, ás 9 horas da manhã, haverá sessão magna.

O 1.º secretario—F. PAULINO.